

Registros da última expedição do Coronel P. H. Fawcett no Brasil: a análise paleográfica de um bilhete (1925)

Records of Colonel P. H. Fawcett's last expedition in Brazil: the paleographic analysis of a note (1925)

DOI: <https://doi.org/10.24206/lh.v7i3.42365>

Deborah Lavorato Leme

Bacharel e licenciada em História pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, mestranda do Programa de Pós-Graduação em História Social da mesma faculdade, pesquisa desde 2019 a trajetória do explorador inglês Percy Harrison Fawcett no Brasil durante a República Velha, suas expedições de demarcação da fronteira entre o Brasil, o Peru e a Bolívia e a repercussão de seu desaparecimento.

E-mail: deborah.lavorato@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3427-9551>

RESUMO

Neste artigo nosso objetivo foi utilizar o arcabouço teórico-metodológico da Paleografia para realizar a leitura e análise de um bilhete de autoria atribuída ao explorador britânico Percy Harrison Fawcett, escrito durante sua última expedição ao Brasil em 1925. Fawcett veio para a América do Sul pela primeira vez em 1906 a pedido da *Royal Geographical Society* para arbitrar o processo de demarcação de fronteiras entre Brasil e Bolívia como uma terceira parte isenta. Depois dessa ocasião ele ainda realizou mais sete expedições no continente sul-americano até finalmente desaparecer em 1925 no interior do estado do Mato Grosso. O bilhete que analisaremos aqui corresponde a um dos últimos indícios do paradeiro de Fawcett que se tem conhecimento até agora. Em nossa análise consideramos a Paleografia como história da escrita, no sentido de melhor extrair as informações contidas no documento em questão para enriquecer o estudo das fontes referentes à passagem do referido explorador pelo Brasil no começo do século XX.

Palavras-chave: P. H. Fawcett. Royal Geographical Society. Paleografia. Documento. Expedições.

ABSTRACT

In this article our goal was to use the theoretical and methodological framework of Palaeography to read and analyze a note produced by the British explorer Percy Harrison Fawcett, written during his last expedition to Brazil in 1925. Fawcett's first expedition to South America was in 1906 when he was commissioned by the *Royal Geographical Society* to map a jungle area at the border of Brazil and Bolivia as a third party unbiased by local national interests. After that he made seven more expeditions in the South American continent until finally disappearing in 1925 in the state of Mato Grosso. The note analyzed here corresponds to one of the last indications of Fawcett's whereabouts that has been known so far. In our analysis we used the methodology that approaches Palaeography as history of writing to better extract the information contained in the document to increase the study of sources referring to the explorer's passage through Brazil in the early 20th century.

Keywords: P. H. Fawcett. Palaeography. Royal Geographical Society. Document. Expeditions.

Introdução

O coronel Percy Harrison Fawcett nasceu a 31 de agosto de 1867 em Torquay, cidade litorânea no sul da Inglaterra. Era filho de Myra Elizabeth MacDougall e do capitão Edward Boyd Fawcett, oficial do exército britânico nascido na Índia. Fawcett seguiu os passos do pai e optou pela carreira militar, tornando-se oficial de artilharia aos 19 anos, quando foi enviado ao Ceilão, onde conheceu e se casou com Nina Fawcett, com quem teve três filhos: Jack (1903-19??), Brian (1906-1984) e Joan (1910-2005).

Veio para a América do Sul pela primeira vez em 1906, quando aceitou o convite da *Royal Geographical Society*, da qual era membro, para se juntar à chamada “Comissão Mixta” [sic] de mapeamento da fronteira entre o Brasil e a Bolívia (PEREIRA, 1945, p. 216-219). Entre 1906 e 1925 Fawcett realizou oito expedições à América do Sul, percorrendo os territórios da Bolívia, Peru e Brasil, com uma pequena interrupção durante a I Guerra Mundial, quando foi convocado para comparecer ao front, o que acabou resultando numa promoção de patente, de major para coronel.

Além de militar bem-sucedido, Fawcett foi reconhecido ainda em vida como um ótimo topógrafo e estudioso do ocultismo¹, o que acabou por contribuir para a construção de uma certa aura mística e supersticiosa em torno de sua figura. Ele era muito próximo de médiuns e ocultistas, sendo largamente conhecida sua amizade com uma das criadoras da teosofia, Helena Petrovna Blavatsky. Ele também manteve relações de proximidade com figuras proeminentes da cena literária inglesa entre o final do século XIX e começo do XX, como os escritores Henry Ryder Haggard e Arthur Conan Doyle, renomados pela criação dos icônicos personagens Allan Quatermain e Sherlock Holmes, respectivamente, que marcaram a cultura e o imaginário da Era Vitoriana.

Através da leitura, análise e interpretação das fontes é possível desvencilharmo-nos de uma abordagem exclusivamente mística em torno de Fawcett, situando-o no seu devido contexto histórico, pois, apesar de ser ligado ao ocultismo, ele era também um conhecido e respeitado explorador. Não era apenas um louco desvairado em busca de um paraíso perdido, como foi retratado por parte da imprensa; era sobretudo um homem de seu tempo dialogando de forma clara e direta com seus pares na *Royal Geographical Society*, planejando e realizando expedições, estabelecendo contato com cônsules britânicos na América do Sul, pedindo financiamento e apoio ao governo brasileiro, tendo se reunido com o presidente Epitácio Pessoa e o Marechal Cândido Rondon em

¹ Ver, por exemplo, artigo no qual ele descreve uma experiência sobrenatural que ele teria vivido na Turquia. FAWCETT, Percy H. *At the hot wells of Koniar*. *Occult Review*, p. 114-119, August, 1925.

1920. Esse plano de ação não condiz com o de um lunático agindo em descompasso com a realidade, indicando que Fawcett estava plenamente inserido em disputas científicas e territoriais – ambas integradas com sucesso pela *Royal Geographical Society* na época do coronel.

No caso de Fawcett observamos a existência de um grande e diversificado corpo documental. Após sua última expedição ao Brasil em 1925, na qual ele e seu grupo desaparecem, seu filho mais novo, Brian, dedicou-se a reunir os escritos do pai, o que resultou na publicação de um livro em 1953, contendo uma compilação de cartas, relatórios, anotações de viagem, fotografias, diários pessoais, entre outros documentos do coronel Fawcett. Grande parte dessas fontes documentais encontra-se sob a guarda permanente do Museu de Torquay², cidade natal de Fawcett. É preciso ressaltar que os escritos reunidos nesse livro foram amplamente editados pelo filho do coronel e devem ser lidos com cautela, pois não representam a fonte documental em seu estado original, já que estão carregados por significações que extrapolam o seu contexto de produção. Esse livro é um exemplo perfeito de que “*Whatever they may do, authors do not write books*”³ (STODDARD, 1987 apud DIEGO, 2019, p. 18), pois o coronel Fawcett escreveu um grande volume de textos de diversas tipologias documentais, mas nunca um livro.

Grande parte dos pesquisadores que se debruçaram sobre a trajetória de P. H. Fawcett até agora focaram suas abordagens na busca incessante de Fawcett por uma cidade perdida no interior do Brasil. Mas alguns detalhes significativos escapam a essa abordagem, que busca sintetizar em poucas palavras a trajetória conturbada de um personagem ambíguo que teve uma importante atuação no contexto geopolítico brasileiro no início do século XX, como o papel que ele desempenhou na demarcação de fronteiras entre o Brasil e países vizinhos. Propomo-nos a realizar neste artigo um direcionamento do olhar aos fatos rotineiros, aparentemente sem importância, e aos documentos produzidos no âmbito do cotidiano de uma expedição pelo interior do estado do Mato Grosso, como, por exemplo, um bilhete, escrito durante a última expedição de Percy Fawcett ao Brasil em 1925, quando veio acompanhado pelo filho mais velho, Jack Fawcett, e por um colega deste, Raleigh Rimmel. Os três desapareceram sem deixar rastros.

² HOLGATE, Mike. Percy Fawcett – *The lost explorer (1867- c. 1925)*. In: *Local Studies Education Series, Torquay Museum*. Disponível em: <https://www.torbay.gov.uk/media/8995/percy-fawcett-the-lost-explorer.pdf> Acesso em: 30 ago 2019

³ “O que quer que façam, autores não escrevem livros”. STODDARD, Roger E. *Morphology and the Book from an American Perspective*. *Printing History* 17, 1987, p. 2-14. apud DIEGO, José Luis de. *Los autores no escriben libros. Nuevos aportes a la historia de la edición*. Buenos Aires: Ampersand, 2019, tradução nossa.

1. A ciência paleográfica e a história cultural

No sentido de ler, analisar e interpretar o documento escolhido, lançamos mão do arcabouço teórico-metodológico da Paleografia, que apresentou diversas correntes e metodologias ao longo de seu processo de consolidação como ciência. O primeiro a usar o termo Paleografia foi Bernard Montfaucon, no século XVIII, definindo como seu objeto de estudo os escritos antigos em suporte macio. Essa definição estava ainda muito ligada ao sentido etimológico da palavra de origem grega, formada pela junção do adjetivo “antigo” (*paleo*), do substantivo “escrita” (*grafo*) e do sufixo que assinala a “condição de estudo” (*ia*). Essa conceituação era fonte de imprecisões, decorrentes da dificuldade de determinar onde começam e onde terminam as escrituras antigas e da limitação imposta ao se dividir os suportes em macios ou duros.

A grande virada conceitual ocorreu nos anos 1940, com a chamada “Nova Escola Francesa de Paleografia”, da qual Jean Mallon fazia parte. Dentre as contribuições de Mallon para a ciência paleográfica está a demonstração da importância do *ductus* como elemento dinâmico da evolução da escrita e a superação da divisão entre suporte macio e duro. Luiz Núñez Contreras (1994), grande admirador e seguidor de Mallon, elabora o que ele denomina como triplo conceito da Paleografia, que abarca a Paleografia de Leitura (uso prático que se faz da Paleografia, o qual se resume à leitura de escritas em desuso através da identificação e transcrição de seus signos para a forma de escrita corrente), Paleografia de Análise (representa o método crítico-analítico de interpretação da escrita, no qual o paleógrafo se debruça sobre o como – *emendatio* –, onde e quando – *recensio* – um texto foi escrito, aspectos que conferem cientificidade à Paleografia) e Paleografia como História da Escrita (quando a Paleografia surge como ciência autônoma de fato, que tem por objeto o estudo da escrita como uma atividade oriunda do gênio inventivo do ser humano).

Também tributário de Mallon, Armando Petrucci afirma que essa História da Escrita

*Es, o mejor, aspira ser, más bien una historia, siempre renovada gracias a la confrontación directa con los fragmentos escritos del pasado, de los procesos y las prácticas de confección y uso de los productos escritos de cualquier naturaleza y de sus funciones; también, si no ante todo, en sus aspectos antropológica y sociológicamente más relevantes e significativos.*⁴ (PETRUCCI, 2002, p. 9)

⁴ “É, ou melhor, aspira a ser, antes, uma história, sempre renovada graças ao confronto direto com os fragmentos escritos do passado, dos processos e práticas de confecção e utilização de produtos escritos de qualquer natureza e das suas funções; também, se não sobretudo, nos seus aspectos antropológicos e sociológicos mais relevantes e significativos”. PETRUCCI, Armando. *La ciencia de la escritura. Primera Lección de Paleografía*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica de Argentina, 2002, p. 9, tradução nossa.

Esta última definição está muito ligada à abordagem da História Cultural, que se consagrou logo após a I Guerra Mundial, nos anos 1920, e representou a ampliação dos horizontes do ofício do historiador, englobando aspectos espirituais, artes, costumes, sensibilidade, personalidade, entre outros. A perspectiva da História Cultural, portanto, é adequada para trabalharmos com a nossa fonte – um bilhete escrito durante uma expedição, pois:

O que passa a importar para o historiador é exatamente a ótica assumida pelo registro e como seu autor a expressa. Isto é, o documento não trata de “dizer o que houve”, mas de dizer o que o autor diz que viu, sentiu e experimentou, retrospectivamente, em relação a um acontecimento. Um tipo de discurso que produz uma espécie de “excesso de sentido do real pelo vivido”, pelos detalhes que pode registrar, pelos assuntos que pode revelar e pela linguagem intimista que mobiliza. Algo que pode enfeitiçar o leitor/pesquisador pelo sentimento de veracidade que lhe é constitutivo, e em face do qual certas reflexões se impõem. Nesse sentido, o trabalho de crítica exigido por essa documentação não é maior ou menor do que o necessário com qualquer outra, mas precisa levar em conta suas propriedades, para que o exercício de análise seja efetivamente produtivo. (GOMES, 2004, p.15)

Mais do que o conhecimento e uma narrativa do passado, a História Cultural procura explicar os fatos a partir do ponto de vista dos protagonistas dos acontecimentos, perscrutando suas reações e concepções diante desses acontecimentos. Segundo Contreras (1994, p. 21-22), ideias e reações estão imersas não apenas em grandes fatos concretos, mas na vida cotidiana das pessoas e no âmbito de sua criatividade, de sua subjetividade, onde podemos observar mais claramente como transcorrem as mudanças na forma de escrever utilizada pelos indivíduos.

Para elaborar o conceito de Paleografia como “*Ciencia que con un método propio estudia el desarrollo del proceso gráfico, considerada la escritura como una facultad propia y privativa del hombre*”⁵, Contreras baseia-se em dois postulados de Ludwig Traube, sendo o primeiro “*que el estudio de la escritura no debe ser reducido a esquemas abstractos*”⁶, e o segundo “*que la evolución natural y lógica de la escritura, como cualquier otra actividad humana, puede ser y en realidad ha sido modificada por la variable que el propio hombre comporta*”⁷ (1994, p. 23).

Seguindo pela mesma lógica de raciocínio, mas de forma mais poética, Manuel Romero Tallafigo escreve que:

⁵ “Ciência que com um método próprio estuda o desenvolvimento do processo gráfico, considerando a escrita como faculdade própria e exclusiva do homem”. CONTRERAS, Luis Núñez. *Manual de paleografía – Fundamentos e historia de la escritura latina hasta el siglo VIII*. Madrid: Ediciones Catedral, 1994, p. 23, tradução nossa.

⁶ “(...) que o estudo da escrita não deve ser reduzido a esquemas abstratos”. *Ibidem*, tradução nossa.

⁷ “(...) que a evolução natural e lógica da escrita, como qualquer outra atividade humana, pode ser e, de fato, foi modificada pela variável que o próprio homem representa”. *Ibidem*, tradução nossa.

En el hombre la mano es un instrumento privilegiado de interacción entre el sistema nervioso central (cérebro y cerebelo) y el entorno (escultura, pintura, habilidades manuales, gesticulación y acto de la escritura con un instrumento entre otros). La mano es parte integrante del cuerpo humano, es herramienta del pensamiento, es un reflejo de la personalidad y es un medio de comunicación con los otros hombres. Escribir es encadenar desde el sistema nervioso movimientos coordinados de los dedos, de las manos y del brazo que a través de un instrumento (cuña, estilo, cálamo, pincel, pluma...) proyectan y fraguan outro encadenamiento ordenado de líneas o empastes de tinta que dan lugar a letras, palabras, renglones, párrafos y figuras.⁸ (TALLAFIGO, 2008, p. 32-33)

Para Francisco Gimeno Blay (1984, p.127), uma vez estudada a evolução histórica da escrita “*el paleógrafo deberá cuestionarse planteamientos nuevos, teniendo presente la sociedad que se ha servido de ese sistema de comunicación y cuales han sido las vías y canales de difusión, las formas de apropiación, los usos...*”⁹. É essa metodologia do historiador-paleógrafo que vamos aplicar a seguir em nosso documento, para, além de conseguir ler o bilhete que Fawcett escreve, tentar compreender um pouco do contexto histórico no qual ele estava atuando, fazendo a ponte entre indivíduo e sociedade através de uma pequena amostra de cultura escrita.

2. O bilhete de Fawcett: história arquivística

A história arquivística é apenas um dos diversos elementos de descrição previstos na Norma Geral Internacional de Descrição Arquivística ISAD(G), criada com o objetivo de “facilitar a recuperação e a troca de informação sobre documentos arquivísticos”¹⁰. Sendo o nosso documento parte do acervo de um arquivo, fez-se necessário esclarecer como chegamos até ele, de modo a facilitar sua própria contextualização.

⁸ “No homem a mão é um instrumento privilegiado de interação entre o sistema nervoso central (cérebro e cerebelo) e o seu entorno (escultura, pintura, habilidades manuais, gesticulação e o ato de escrever com um instrumento, entre outros). A mão é parte integrante do corpo humano, é uma ferramenta do pensamento, é um reflexo da personalidade e um meio de comunicação com outros homens. Escrever é encadear a partir do sistema nervoso movimentos coordenados dos dedos, das mãos e do braço que através de um instrumento (cunha, estilo, cálamo, pincel, pena...) projetam e forjam outra cadeia ordenada de linhas ou enchimentos de tinta que dão origem a letras, palavras, linhas, parágrafos e figuras”. TALLAFIGO, Manuel Romero. *De libros, archivos y bibliotecas: venturas y desventuras de la escritura*. Las Palmas de Gran Canarias: UNED, Centro Asociado de Gran Canarias, 2008, p. 32-33, tradução nossa.

⁹ “(...) o paleógrafo deve questionar novas abordagens, tendo em vista a sociedade que fez uso deste sistema de comunicação e quais têm sido as vias e canais de difusão, as formas de apropriação, os usos...”. GIMENO BLAY, Francisco. *Las llamadas ciencias auxiliares de la Historia ¿Errónea interpretación? (Consideraciones sobre el método de la investigación en Paleografía)*. Zaragoza: Cuadernos de Historia Jerónimo Zurita, nº 51-52, 1984, p. 127, tradução nossa.

¹⁰ ISAD(G): Norma geral internacional de descrição arquivística: segunda edição, adotada pelo Comitê de Normas de Descrição, Estocolmo, Suécia, 19-22 de setembro de 1999, versão final aprovada pelo CIA. – Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2000, p. 10.

A primeira vez que encontramos na bibliografia sobre o coronel Fawcett uma referência a possíveis itens relacionados a ele foi no livro de Durval Rosa Borges (1987, p. 231), onde lemos que [Fawcett] “Dominava um pouco as artes plásticas e no Museu D. José, em Cuiabá, existe, entre alguns objetos seus, um quadro chamado ‘A matula no sertão’”. A dupla descoberta nos pegou de surpresa: além de existirem novas fontes materiais que não eram de nosso conhecimento até então, descobrimos na mesma toada que Fawcett era também um artista plástico. No afã de pôr as mãos em objetos que pertenceram a Fawcett, partimos em busca da localização de nossa miragem historiográfica: o referido Museu Dom José (MDJ).

Veio então o primeiro revés: descobrimos que o museu não existia mais. Mas descobrimos outro dado valioso, que parte do acervo do extinto museu havia sido vendido para o Museu Paulista (MP)¹¹, popularmente conhecido como Museu do Ipiranga. Lá encontramos mais informações referente à aquisição de parte do acervo do Museu Dom José pelo MP no relatório anual referente ao ano de 1946, datado de 31 de janeiro de 1947, de autoria do então diretor, Sérgio Buarque de Holanda. Nesse relatório há uma subseção denominada “Enriquecimento do Acervo”, em que Sérgio Buarque escreve que:

(...) centenas de peças novas, algumas particularmente valiosas, foram incorporadas às nossas coleções mediante compra ou doações e depósito. Cabe mencionar especialmente a aquisição, em condições excepcionalmente favoráveis, da melhor parte do Museu Dom José, da cidade de Cuiabá, constituída de material histórico, folclorístico, etnográfico, além de numerosos manuscritos e importante conjunto de arte religiosa. (HOLLANDA, 1947)

Os itens adquiridos pelo MP abrangem liteiras, arte plumária, relíquias da Guerra do Paraguai, “utilizando-se na compra o saldo disponível da verba orçamentaria, num total de Cr.\$21.600,00” (HOLLANDA, 1947). O próprio Sérgio Buarque foi até Cuiabá, onde, permaneceu “(...) entre 28 de setembro a 5 de outubro de 1946 tendo examinado e escolhido o que pareceu de maior interesse e conveniência”. Mas, entre os itens cautelosamente escolhidos pelo então diretor do MP não constava nenhum item referente ao coronel Fawcett, nosso segundo revés. Mas nossa desdita começa a mudar com um importante achado: entre os documentos que Sérgio Buarque foi buscar no MDJ, estava uma pasta, por sua vez contendo papéis amarrados com um barbante, onde se lia na primeira página “Catálogo do Museu Dom José – Instituído em prédio próprio a Rua Antonio João N. 58 Cuiabá – Matto Grosso, Primeira Edição, 1942”. Nessa espécie de catálogo improvisado encontramos uma “Secção P. H. Fawcett”, onde estavam arrolados diversos itens como armas, equipamento fotográfico,

¹¹ MUSEU DOM JOSÉ. In: Portal Mato Grosso. Disponível em: <http://www.portalmatogrosso.com.br/municipios/sao-pedro-da-cipa/matopedia/museu-dom-jose/18683>. Acesso em: 30 ago 2019

papéis e uma “Pintura (jocosério) feita pelo Cel. Inglês Fawcett, num vidro da porta dos seus aposentos no Hotel Gama, intitulada (Matula no Sertão) no anno de 1925”. O “quadro” ‘Matula no Sertão’, do artista-coronel-explorador-ocultista não passava de um desenho feito na porta de um hotel.

De qualquer forma, a referência de Durval Borges foi muito proveitosa, menos pela informação de que Fawcett pintara um quadro e mais pela menção ao MDJ. Valiosa também foi a contribuição da Professora Doutora Maria Aparecido Borrego, docente do Museu Paulista da USP¹², quando nos encontrávamos num beco sem saída: de fato havia uma considerável quantidade de itens referentes à Fawcett que pertenciam ao MDJ, mas que não haviam sido adquiridos pelo MP. Onde estariam, então? Segundo informação da supracitada professora, o acervo correspondente ao Período Colonial brasileiro fora comprado pelo MP, enquanto o acervo correspondente aos Períodos Imperial e Republicano, fora adquirido pelo Museu Histórico Nacional (MHN), localizado na cidade do Rio de Janeiro.

Fizemos pesquisas online na Biblioteca Virtual do Museu Histórico Nacional, onde pudemos traçar um panorama melhor do destino do acervo do extinto MDJ através do acesso remoto aos Processos de Entrada de Acervo. O processo nº14/41 continha uma carta datilografada do fundador do MDJ, o advogado Euphrasio da Cunha Cavalcanti, em papel timbrado, datada de junho de 1941, endereçada ao diretor do MHN na época, Gustavo Barroso. Na carta, Euphrasio relata que havia criado o museu 26 anos antes, ou seja, por volta de 1915, e que, desde então, vinha se dedicando à organização dele, mas que desejava “(...) transferi-lo ao Governo Federal ou ao Estado de Mato-Grosso, do qual é ele bem particularizado” (CAVALCANTI, 1941), porque ele havia sido aposentado compulsoriamente e seus rendimentos foram reduzidos, obrigando-o a dispensar os funcionários do museu. Ele conclui a carta dizendo que “Não tenho o propósito de efetuar negócio vantajoso, e se pudesse [*sic*], faria essa transferência sem ônus para a União. O que desejo é perpetuar esta pequena obra creada [*sic*] com tanto trabalho e sacrifício de minha parte”. O próximo documento do processo é a resposta de Gustavo Barroso ao sr. Euphrasio, seguido pela carta que Barroso enviou ao diretor do S.P.H.A.N. (Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), fazendo a ponte entre um e outro.

Há um hiato na documentação referente às transações entre MHN e MDJ, que vai de junho de 1941 até novembro de 1949, quando aparecem novos documentos mencionando a transferência de acervos de um para o outro. O processo nº03/49 contém uma “Relação de aquisições”, onde aparece novamente o “quadro” ‘Matula no Sertão’, desta vez descrito como “Caricatura executada pelo Coronel P. H. Fawcett em uma lâmina de vidro”. O bilhete não é mencionado nessa relação. Quando fomos ao Arquivo Histórico do MHN realizar a consulta presencial ao acervo, a equipe de atendimento ao pesquisador alegou não ter localizado em sua reserva técnica a obra ‘Matula no Sertão’, o quadro, que virou “jocosério” e foi descrito, por fim, como caricatura numa lâmina de vidro.

¹² O Museu Paulista foi incorporado à Universidade de São Paulo (USP) em 1963.

No lugar dela nos foi oferecida a chance de ver o bilhete do coronel Fawcett para o coronel Hermenegildo Galvão, descrito da seguinte forma: “Bilhete do Coronel P. H. Fawcett, [Percy Harrison Fawcett], a Hermenegildo Galvão, dando informações sobre uma fazenda em Mato Grosso. [Nova Lacerda/Mato Grosso], 07/05/1925”. Anexo a esse documento consta um outro, descrito como um “Bilhete em papel timbrado do Museu Dom José, localizado em Cuiabá/MT, onde consta a informação que este documento foi oferecido pelo Sr. Hermenegildo Galvão, em setembro de 1935”.

O conjunto dessas informações fornecidas pela identificação, descrição e história arquivísticas permite-nos inferir provisoriamente (até realizarmos a análise paleográfica) que a data de produção do bilhete tenha sido 07/05/1925 e que o coronel Fawcett o endereçara ao Sr. Hermenegildo Galvão, o qual manteve o bilhete consigo por mais de dez anos, até oferecê-lo em setembro de 1935 ao Sr. Euphrasio da Cunha Cavalcanti, proprietário do MDJ, onde o documento permaneceu até sua transferência ao MHN, em meados da década de 1940.

3. Transcrição e análise paleográfica do bilhete de Fawcett

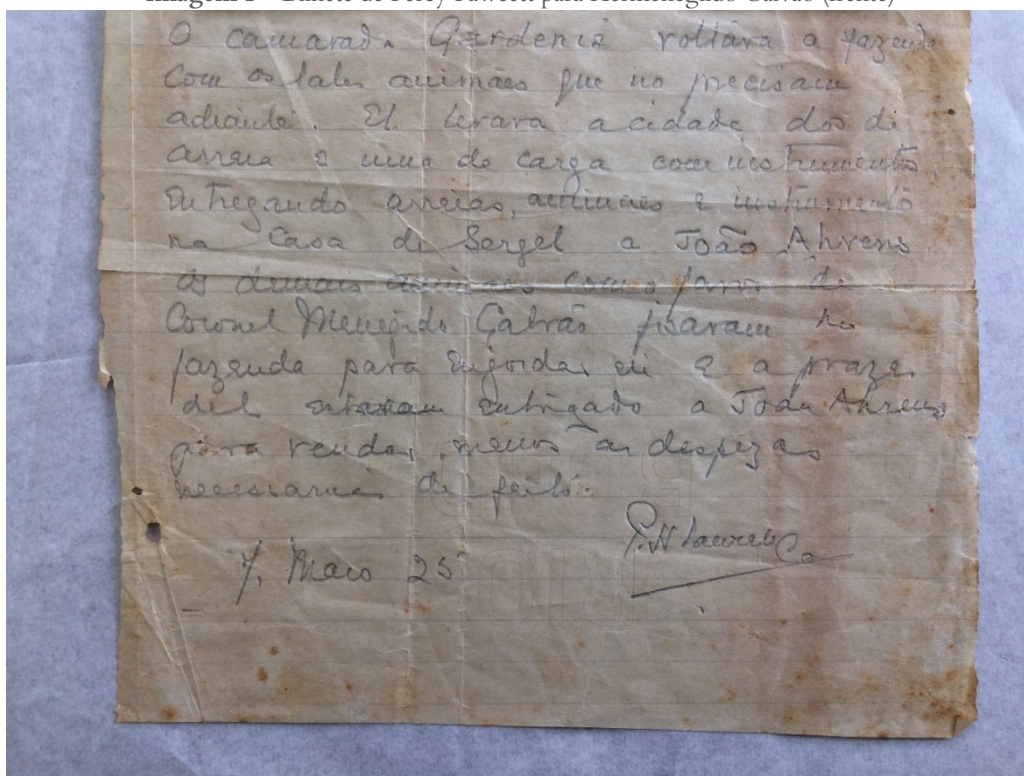
Para realizar a transcrição paleográfica do bilhete de Fawcett (Imagem 1) seguimos as Normas para Transcrição de Documentos Manuscritos para a História do Português do Brasil¹³, que pressupõe uma transcrição conservadora, a qual, pelo nosso entendimento, é a ideal, pois é a que menos interfere na constituição original da escrita, o que, no nosso caso, não compromete a leitura do nosso documento, porque ele é datado do começo do século XX e seus signos e estrutura lexical não diferem muito do tipo de escrita que utilizamos hoje. Como nosso documento é relativamente pequeno, numeramos suas linhas uma a uma, ao invés de numerá-las de cinco em cinco, como a norma estabelece.

- 1 O camarada Gardenia voltava a fazenda
- 2 com os tales animães que no precisam
- 3 adiante. El levava a cidade dos de
- 4 arreia E uma de carga com instrumentos,
- 5 Entregando arreias, animaes e instrumentos
- 6 na Casa de Sergel a João Ahrens.

¹³ CAMBRAIA, César Nardelli; CUNHA, Antônio Gerado da; MEGALE, Heitor. *A Carta de Pero Vaz de Caminha*. São Paulo: Série Diachronica, 1, Humanitas, 1999, p. 23-6.

- 7 Os demais animaes com o favor de
- 8 Coronel Menegido Galvão ficaram no
- 9 fazenda para Engordar Ele E a prazer
- 10 del Estavam entregado a Joan Ahrens
- 11 para render menos as despezas
12. necessarias de feito.
13. P. H. Fawcett Co
14. 7, Maio 25

Imagem 1 – Bilhete de Percy Fawcett para Hermenegildo Galvão (frente)



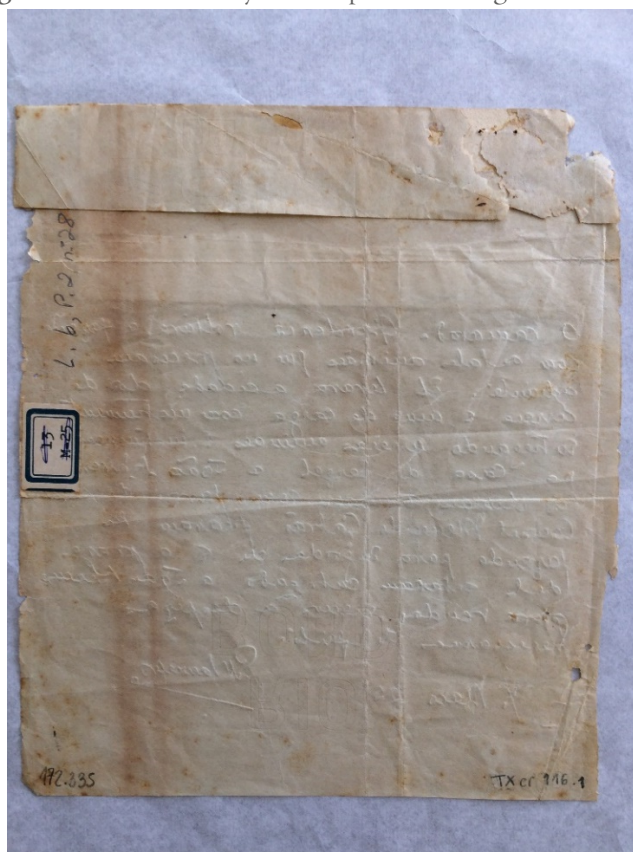
Fonte: elaboração própria.

O bilhete, visto isoladamente, não nos diz muita coisa, é preciso interpretá-lo com o olhar do historiador-paleógrafo, conjugar sua análise com outras fontes documentais e bibliográficas. É possível inferir que ele parece ter sido escrito às pressas, em superfície irregular, característica que corresponde ao seu contexto de produção: uma expedição realizada intercalando-se longas caminhadas com cavalgadas em lombo de mulas ou navegação fluvial em canoas e batelões, ou seja, sem um local de apoio apropriado, como uma superfície plana e lisa. O *ductus* parece denotar um pouco a pressa durante a escrita, manifesta na vontade de quem escreve em terminar logo uma palavra e passar à

outra. As últimas letras de algumas palavras são quase um risco indefinido (como o “r” ao final da palavra “engordar” na linha 9 e o “r” ao final da palavra “rendar” na linha 11), o que impacta diretamente nas ligaduras, algumas alongadas como na sequência “na Casa de Sergel” (linha 6). É perceptível que o autor mistura a estrutura lexical do português e do espanhol (na linha 3 escreve “dos” [dois] e “el” [ele], por exemplo), muito provavelmente porque durante suas expedições à América do Sul ele realizara a demarcação de fronteiras entre Brasil, Peru e Bolívia, ou seja, tivera contato com falantes tanto de uma quanto da outra língua, muito diferentes de sua língua materna.

Além dessas características, temos uma escrita pesada, que deixa marcas no verso do papel (Imagem 2), talvez por conta da utilização de lápis/grafite. O papel contém uma marca d’água onde lê-se “RIO BOND”, mas infelizmente ainda não conseguimos mais informações sobre esse aspecto. É válido apontar que o papel pode ser considerado quase uma relíquia no contexto dessas expedições, durante as quais era muito frequente os exploradores perderem senão tudo, grande parte de seus equipamentos e provisões de viagem quando, por exemplo, as canoas emborcavam.

Imagem 2 – Bilhete de Percy Fawcett para Hermenegildo Galvão (verso)



Fonte: elaboração própria.

Na linha 6 temos a referência a uma certa “Casa Sergel”, uma das mais importantes empresas de importação e exportação em fins do século XIX e começo do XX, que funcionava na rua 13 de

junho, nº 78, em Cuiabá. Negociavam borracha, couro de gado e, assim como outras companhias de alto porte, faziam transações bancárias e eram correspondentes do “*Brasilianische Banc für Deutschland*” e do “Banco Alemão Transatlântico”¹⁴. Cientes disso, faz todo sentido que Fawcett tenha enviado “animaes que no precisam” a esse local para vendê-los.

Na linha 8 Fawcett refere-se ao Coronel “Menegido Galvão” [Hermenegildo Galvão], que aparece no livro publicado em 1953 pelo seu filho Brian como o hospitaleiro dono da Fazenda Rio Novo, às margens do córrego Sant’Anna, sendo o último a ter feito contato com o grupo de Fawcett, que partiu em direção ao Posto Bacaeri do Serviço de Proteção ao Índio (SPI) e nunca mais foi visto (FAWCETT, 1953, p. 287-295).

Um dos últimos resquícios materiais da expedição de Fawcett de que temos notícia¹⁵ é uma carta dele à sua esposa Nina, datada de 29 de maio de 1925 (vinte e dois dias após a confecção do bilhete), na qual ele relata que dispensou os guias locais e que, a partir dali, seguiria sem a ajuda deles, por conta própria. Segundo Brian, no epílogo do livro, “*After this not another thing was heard from them, and to this day their fate has remained a mystery*”¹⁶ (FAWCETT, 1953, p. 290).

Considerações finais

Na literatura que se produziu sobre Fawcett até agora, a carta de 29 de maio é tida como um marco, como um dos últimos sinais de vida dos exploradores; a partir daí tudo o que se afirmou é incerto, duvidoso, alocado em terreno pantanoso de achismos. Há quem diga, por exemplo, que Fawcett encontrou sua tão sonhada cidade perdida, nela se assentou, instituiu família, viveu ainda longos anos, teve muitos netos e morreu de velhice¹⁷. Outros creem que – pasmem – ele ainda está vivo, por obra de algum feitiço da cidade perdida que ele teria encontrado¹⁸.

¹⁴ HENRIQUE HESSLEIN & SERGEL (Casa). In: Portal do Mato Grosso. Disponível em:

<http://www.portalmatogrosso.com.br/municipios/matopedia/henrique-hesslein-sergel-casa/16685> Acesso em: 30 ago 2019.

¹⁵ De acordo com um artigo de fevereiro de 1928, publicado na revista *The Geographical Journal*, “The last authentic News of Col. Fawcett is dated 30 May 1925”, que diz respeito a um despacho enviado a *North American Newspaper Alliance*, um conglomerado de jornais estadunidenses que aceitara patrocinar a empreitada de Fawcett exigindo, em contrapartida, que ele lhes enviasse em primeira mão todo e qualquer avanço ou descoberta realizados pela expedição. COLONEL FAWCETT’S Expedition in Matto Grosso. *The Geographical Journal*, v. 71, n. 2, p. 176-185, Feb. 1928.

¹⁶ “Depois disto não se ouviu mais nada deles, e até hoje o seu destino permanece um mistério”. FAWCETT, Percy H. *Exploration Fawcett*. Brian Fawcett (org.). London: Hutchinson, 1953, p. 290, tradução nossa.

¹⁷ Teoria amplamente divulgada pelo sobrinho de Fawcett, Timothy Paterson, em seu livro *The temple of Ibez*. PATERSON, Timothy. *O Templo de Ibez*. São Paulo: Imery Publicações, 1980.

¹⁸ Como, por exemplo, os membros da Comunidade Teúrgica Portuguesa, que acreditam que Fawcett encontrou no município mato-grossense de Barra do Garças o portal para a cidade perdida que ele tanto procurava e lá teria se transformado numa espécie de mentor espiritual que se dedica a guiar seus seguidores pelo caminho da iluminação. Para mais informações sugiro o livro do jornalista David Grann, *The Lost City of Z*. GRANN, David. *Z, a cidade*

Para não correr o risco de afundar no pântano das suposições, o historiador-paleógrafo deve atentar-se às fontes documentais e bibliográficas, aos valores primário (razão de ser do documento, valor imediato e efêmero) e secundário (seu significado para a memória individual e/ou coletiva, valor permanente) do documento, aos métodos de leitura e interpretação de fontes. Mas o historiador-paleógrafo também não deve objetivar a transcrição como um fim em si mesma. No caso do bilhete de Fawcett é evidente que ler esse documento sem relacionar as informações nele contidas com outros referenciais nos impede de acessar o seu contexto histórico de produção no primeiro quartel do século XX. É preciso estabelecer o equilíbrio entre ater-se ao documento e buscar elementos externos a ele que nos ajudem a melhor compreendê-lo, por isso História e Paleografia se complementam e dialogam.

A “descoberta” (entre aspas, pois pela própria lógica de produção e circulação do documento, parte-se do pressuposto que, para ele existir, alguém em algum momento o escreveu e leu, não existindo, portanto, documento inédito) do bilhete de Fawcett e sua análise histórico-paleográfica representam um importante passo na reconstrução da expedição final de 1925. Agora entre a carta do dia 29 de maio e a partida da Fazenda de Hermenegildo Galvão há um novo registro das atividades de Fawcett e seus companheiros, que confirma – ou não – nossas inferências anteriores e nos permite realizar novas. A Paleografia é uma importante chave de leitura da materialidade dos acontecimentos passados, mas quantas vezes não nos deparamos com portas contendo mais de uma fechadura?

perdida – A obsessão mortal do coronel Fawcett em busca do Eldorado brasileiro. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 320-322.

Referências bibliográficas

- BORGES, Durval Rosa. **Rio Araguaia, corpo e alma**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.
- BARROSO, Gustavo. Carta a Euphrasio da Cunha Cavalcanti. Arquivo Histórico do Museu Histórico Nacional, série Processos de Entrada de Acervo; Proc. Nº 14/41 Doc.4 (Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro). 24 de jun. 1941.
- BARROSO, Gustavo. Carta a Rodrigo M. F. de Andrade. Arquivo Histórico do Museu Histórico Nacional, série Processos de Entrada de Acervo; Proc. Nº 14/41 Doc.5 (Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro). 26 de jun. 1941.
- BILHETE em papel timbrado do Museu Dom José, localizado em Cuiabá/MT, onde consta a informação que este documento foi oferecido pelo Sr. Hermenegildo Galvão, em setembro de 1935. Arquivo Histórico do Museu Histórico Nacional; TXcr116.1 172.335, Anexo (Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro).
- CALLADO, Antonio. **Esqueleto na Lagoa Verde** – Ensaio sobre a vida e o sumiço do Coronel Fawcett. São Paulo: Cia. Das Letras, 2010.
- CAMBRAIA, César Nardelli; CUNHA, Antônio Gerado da; MEGALE, Heitor. **A Carta de Pero Vaz de Caminha**. São Paulo: Série Diachronica, 1, Humanitas, 1999.
- CAVALCANTI, Euphrasio da Cunha. Carta a Gustavo Barroso. Arquivo Histórico do Museu Histórico Nacional, série Processos de Entrada de Acervo; Proc. Nº 14/41 Doc.3 (Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro). jun. 1941.
- COLONEL FAWCETT'S *Expedition in Matto Grosso*. **The Geographical Journal**, v. 71, n. 2, p. 176-185, Feb. 1928.
- CONTRERAS, Luis Núñez. **Manual de paleografia – Fundamentos e historia de la escritura latina hasta el siglo VIII**. Madrid: Ediciones Catedral, 1994.
- DIEGO, José Luis de. **Los autores no escriben libros**. *Nuevos aportes a la historia de la edición*. Buenos Aires: Ampersand, 2019.
- FAWCETT, Percy H. Bilhete a Hermenegildo Galvão. Arquivo Histórico do Museu Histórico Nacional; TXcr116.1 172.335 (Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro) 07 de maio de 1925.
- FAWCETT, Percy H. **Exploration Fawcett**. Brian Fawcett (org.). London: Hutchinson, 1953.
- FAWCETT, Percy H. **A expedição Fawcett: compilação de seus manuscritos, cartas, diários e registros por Brian Fawcett**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1954.
- FAWCETT, Percy H. *At the hot wells of Koniar*. **Occult Review**, p. 114-119, August, 1925.
- GRANN, David. **Z, a cidade perdida** – A obsessão mortal do coronel Fawcett em busca do Eldorado brasileiro. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

- GIMENO BLAY, Francisco. *Las llamadas ciencias auxiliares de la Historia ¿Errónea interpretación? (Consideraciones sobre el método de la investigación em Paleografía)*. Zaragoza: **Cuadernos de Historia Jerónimo Zurita**, nº 51-52, 1984, p. 7-130.
- GOMES. Ângela de Castro (Org.) **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- HOLLANDA, Sérgio Buarque de. Relatório referente ao ano de 1946 apresentado ao Sr. Dr. Plínio Caiado de Castro, digníssimo Secretário da Educação e Saúde Pública, pelo Diretor do Museu Paulista, Sérgio Buarque de Hollanda. Fundo Museu Paulista (Museu Paulista da USP, São Paulo). 31 de jan. 1947.
- ISAD(G): Norma geral internacional de descrição arquivística: segunda edição, adotada pelo Comitê de Normas de Descrição, Estocolmo, Suécia, 19-22 de setembro de 1999, versão final aprovada pelo CIA. – Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2000.
- PATERSON, Timothy. **O Templo de Ibez**. São Paulo: Imery Publicações, 1980.
- PEREIRA, Cel. Renato Barbosa Rodrigues. O Barão de Rio Branco e o traçado das fronteiras do Brasil. **Revista Brasileira de Geografia**, abril-junho de 1945.
- PETRUCCI, Armando. **La ciencia de la escritura. Primera Lección de Paleografía**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica de Argentina, 2002.
- STODDARD, Roger E. *Morphology and the Book from an American Perspective*. **Printing History** 17, 1987, p. 2-14.
- TALLAFIGO, Manuel Romero. **De libros, archivos y bibliotecas: venturas y desventuras de la escritura**. Las Palmas de Gran Canarias: UNED, Centro Asociado de Gran Canarias, 2008.